



## Editorial 2/2022

Iniciamos o editorial desta edição com uma das muitas contribuições de Paulo Freire ao campo da Educação:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE<sup>1</sup>, 1996, p. 32).

O professor e o pesquisador não são papéis fragmentados, mas uma amálgama desses. A pesquisa, portanto, faz parte do ser docente que deve ser questionador ao observar e acompanhar o processo do estudante, avaliando, planejando e refletindo antes, durante e após as aulas num movimento ininterrupto que a práxis exige, se desejamos o êxito. Essas afirmações iniciais são para reafirmar o compromisso deste periódico com a ciência, a construção do conhecimento, a educação e os educadores. Tal movimento é uma tarefa que exige persistência, insistência e resistência, uma vez que nos deparamos diariamente com o neoliberalismo e todos os seus efeitos que causam prejuízos nefastos àquilo que entendemos como Educação a e para todos!

Nessa perspectiva, os professores **Fabiano Bossle, Leandro Oliveira Rocha, Samuel Nascimento de Araújo, Lucas Lopez da Cruz** e as professoras **Jaqueline Zilberstein e Rita de Cássia Lindner Kaefer** vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nos brindam com o Dossiê: **Educação Física Escolar Crítica**. O compilado de artigos anuncia, evidencia, denuncia e problematiza várias temáticas pertinentes ao movimento – nem sempre visível – em nome do mercado, do novo liberalismo econômico, ao retrocesso civilizatório que desencadeiam em práticas negacionistas e de ódio que supúnhamos superadas e pertencentes ao passado.

---

<sup>1</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

Os artigos que compõem o dossiê também apresentam pesquisas e achados sobre diversos temas tanto em termos de textos como de contextos, sobretudo no campo da Educação Física. Nesse ínterim, convidam-nos à reflexão da Educação Física escolar a ser pensada sob a perspectiva crítica, perpassando pela descolonização curricular potencializada pela Pedagogia do Oprimido; pela escola indígena sustentada na perspectiva da decolonialidade; pela prática pedagógica de professores críticos tendo como viés a dialogicidade, a historicidade, a ética e a transformação nessa proposta; pelo currículo crítico em uma escola do Ensino Médio Técnico Integrado de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul; pelas políticas neoliberais e seus impactos na prática pedagógica de professores de Educação Física; pelo “Novo Ensino Médio” como projeto educacional neoliberal e seus impactos nos Institutos Federais; pelas brincadeiras como potencialidades na construção de um conhecimento corporal e humanizado a partir da perspectiva da Pedagogia da Pedagogia Histórico-Crítica; e as transformações e impactos na carreira docente de professores de Educação da rede municipal de Pelotas com mais de 20 anos de experiência.

Nessa edição, além dos artigos organizados em forma de dossiê, também temos 7 artigos de fluxo contínuo que igualmente trazem temas e conteúdos diversos. Intitulado **“Por uma ginástica brincante: possibilidades didático-pedagógicas na educação infantil”**, das autoras Eduarda Vesfal Dutra, Ingrid Stainki de Sá e Andrize Ramires Costa, é o artigo que abre essa seção e apresenta elementos didático-pedagógicos a serem considerados para trazer sentidos e significados à prática da ginástica para a criança pequena. No intuito de valorizar o ser criança em sua essência, considerando sua subjetividade e liberdade de expressão, corroborando com o protagonismo infantil.

**Os recursos tecnológicos usados para o ensino da matemática: o que dizem os estudos apresentados em dissertações de mestrado profissional em educação?**, escrito por Maiara Bueno do Nascimento e Sandra Monteiro Lemos, trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado profissional na qual foram analisadas 18 dissertações publicadas entre os anos de 2015-2020. Os dados apontam para a necessidade de propostas que envolvam os currículos da Educação básica que vise ao desenvolvimento da matemática de maneira criativa e que esteja conectada à realidade dos estudantes.

Os autores Wallace Rodrigues, Suzana Salazar de Freitas Morais, Priscila Araújo Fraga Castro e Lucas Lopes Pinto, nesta edição, contribuíram com o artigo intitulado **A educação básica e suas influências para o desenvolvimento das liberdades humanas.**

O texto apresenta reflexões a respeito da influência do processo educacional no desenvolvimento de pessoas e da sociedade brasileira como um todo. Os resultados revelam que a Educação atendendo aos interesses do capital, corrobora para o aumento das desigualdades sociais, culturais e econômicas deste país. Nesse sentido, e no intuito de frear ou quiçá transformar essa situação, percebe-se que trazer à tona conhecimentos acerca de processos históricos sobre a educação brasileira poderá contribuir para empoderar os sujeitos e torná-los mais críticos.

Mateus Lorenzon e Jacqueline Silva da Silva nos apresentam uma contribuição que discute sobre possibilidades pedagógicas a partir de questionamentos elaborados pelas crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Artigo intitulado **“O questionamento como gênese da construção do conhecimento: discussões a partir da proposta de espiral investigativa”**. Os pesquisadores, fazendo uso de uma diversidade de instrumentos para a produção de dados como: filmagens, registros fotográficos, Diários de Campo, entrevistas com crianças e da Documentação Pedagógica evidenciaram que, ao considerar os interesses das crianças, potencializa-se o protagonismo no processo de aprendizagem.

**“Experiências curriculares na Educação Infantil: Práticas Corporais de Aventura e Educação Ambiental”**, de autoria de Fernanda Freitas Rezende, Marcos Vinícius Klippel e Liege Dornellas, apresenta ao leitor um relato de experiência do município de Vitória/ES, no qual evidenciam tensionamentos sobre a Educação Física na Educação Infantil. Os achados revelam a amplitude e a potência do referido projeto, que oportuniza às crianças diferentes experiências em distintos campos de aprendizagens.

Com o intuito de compreender as razões pelas quais, no contexto de uma Política Pública setorial, estabeleceu-se uma política de parcerias para entrelaçar interesses da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer do Município de Canoas (no período de 2013-2016) e de um arranjo formado por Organizações de Serviços Públicos Não Estatais e Organizações Corporativas de Esporte e Lazer, os autores Cindy Laupe Amaral Pacheco, Carolina Caneva da Silva, Raquel da Silveira e Mauro Myskiw elaboraram o artigo intitulado **“Razões de parcerias entre prefeitura e organizações públicas não estatais e corporativas numa política setorial de esporte e lazer”**. A centralização no poder executivo municipal e a importância das Entidades em desenvolver processos de governança alinhados às demandas dos editais são possíveis razões. Os pesquisadores também trazem luz e tensionamentos sobre questões relacionadas ao distanciamento de ações que poderiam contribuir com a superação de conflitos sociais.

Na sequência, apresentamos o artigo de Derli Juliano Neuenfeldt, Macgregor Baumgarten e Claudionor Nunes Cavalheiro, no qual discutem o lugar da escola e da Educação Física a partir da experiência de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental com as aulas no Ensino Remoto Emergencial, no período da pandemia de Covid-19. Sob o título “**Lugar da escola e da Educação Física no retorno às aulas presenciais**”, os autores evidenciaram que a pandemia recrudescer as reflexões e percepções sobre a relevância da Educação Física, sobretudo no que tange aos aspectos de socialização e saúde, espaço de experimentar, criar e edificar novos conhecimentos, expandindo dessa forma sua visão de mundo.

Para encerrar essa seção, um pouco de poesia com a contribuição de Elaine da Silva Ramos, Carlos Eduardo Laburú e Osmar Henrique Moura Silva. Com o título “**Poesia como estratégia didática para promoção de atividades discursivas na aprendizagem de licenciandos de química**”. Trata-se de uma intervenção pedagógica que, a partir de princípios da multimodalidade representacional por meio do signo artístico poesia, promoveu atividades discursivas na aprendizagem de licenciandos em Química da Universidade Federal da Grande Dourados/MS. O estudo traz contribuições significativas, apresentando a poesia como um signo artístico que potencializa a aprendizagem.

A diversidade de temas, contextos, experiências, sujeitos, metodologias, conteúdos nos leva a refletir sobre o que nos ensina Loris Malaguzzi (EDWARDS *et al.*, 2016, p. 05<sup>2</sup>)

*A criança é feita de cem.  
A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar,  
de jogar e de falar.  
Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.  
Cem alegrias para cantar e compreender.  
Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.  
Cem mundos para sonhar.  
A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),  
mas roubaram-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.  
Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não  
falar, De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no  
Natal. Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem,  
roubaram-lhe noventa e nove.  
Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a  
imaginação, O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.  
Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário,  
as cem existem.*

---

<sup>2</sup> EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

A partir dessa compreensão, nós adultos, portanto, quando crianças, fomos “roubados”, o que acarreta, certamente, uma carência em diferentes áreas, inclusive, no processo de ensinar. Pesquisas como as que compõem essa edição contribuem para ampliar e ajustar as lentes de pesquisadores, professores, educadores, pessoas motivadas a oportunizar as cem linguagens às quais as crianças tem direito.

Aos autores e às autoras que contribuíram para qualificar esta edição nosso agradecimento e aos leitores e leitoras desejamos uma excelente leitura!

Editora  
s Profa Dra Ângela Adriane Schmidt  
Bersch Profa Dra Camila Borges Ribeiro